

Eixo Trabalho, Emprego, Economia Solidária e Previdência

O Cotidiano do Servidor Público da Saúde na Era do Trabalho Flexível

Licia Helena de Oliveira Medeiros

Este estudo tem o objetivo de contribuir para as reflexões sobre o impacto da privatização do sistema estadual de saúde no cotidiano do trabalho dos servidores públicos, e suas implicações objetivas e subjetivas. O eixo central é compreender a construção do indivíduo pela nova atividade que realiza, a relação e a vivência com o novo trabalho e analisar os sentidos e significados atribuídos pelos indivíduos ao atual contexto de ser trabalhador da saúde pública do estado do Rio de Janeiro. A trajetória metodológica baseou-se na abordagem qualitativa, com observação participante, por intermédio de procedimento do estudo de campo, divididos em três etapas: 1) fase exploratória; 2) trabalho de campo e 3) Análise e tratamento do material empírico. Foi aplicado um questionário Sociodemográfico em cento e cinco (105) participantes, entre eles: Assistentes Sociais, Enfermeiros, Fisioterapeutas, Médicos, Auxiliares/ Técnicos de Enfermagem e Terapeutas Ocupacionais. Foram abordadas questões relativas a gênero, idade, estado civil, prática religiosa, escolaridade, residência, filiação, rendimento familiar, profissão que ocupa no estado entre outros. Para complementar a organização dos dados, foram realizadas em 2017, 40 entrevistas, semi-estruturadas, abertas, direcionadas aos sujeitos do estudo. No entanto, somente 21 participantes consentiram com a publicação de suas respostas na pesquisa. Com relação às respostas dos entrevistados, (21) se mostrou contrário à privatização, vinte (20) relatou não se identificar com a atual atividade, e que as ações exercidas e compartilhadas com o coletivo no dia a dia no trabalho reforçam o distanciamento das práticas e subjetividades específicas a cada segmento profissional. Treze (13) responderam que não havia liberdade para agir ou criar, são sujeitos ligados aos serviços que seguem obrigatoriamente um fluxo de trabalho. Oito (8) declaram ter autonomia, sendo estes, os profissionais com maior liberdade nas suas atividades, pois estão inseridos em setores independentes do fluxo institucional. Vinte (20) se mostraram contrários a satisfação profissional. Podemos concluir que as condições de trabalho vêm se tornando um elemento para o capital, por meio dos cenários do extremo conservadorismo na política, na economia, na história e no desmonte do estado de bem-estar social.

Palavras chave: Precarização do Trabalho, Cotidiano, Subjetividade, Identidade Profissional, Privatização.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem o objetivo de contribuir para as reflexões sobre o impacto da privatização do sistema estadual de saúde no cotidiano do trabalho dos servidores públicos, e suas implicações objetivas e subjetivas. O eixo central é compreender a construção do indivíduo pela nova atividade que realiza, a relação e a vivência com o novo trabalho e analisar os sentidos e significados atribuídos pelos indivíduos ao atual contexto de ser trabalhador da saúde pública do estado do Rio de Janeiro. Os sujeitos analisados formam os profissionais dispensados das unidades de saúde (Secretaria Estadual de Saúde) e encaminhados para realizar serviços burocráticos na unidade de central de Perícia Médica. As transferências iniciaram no período de 2013, por uma unidade de saúde de grande porte, com o plano de implantar as Organizações Sociais. Os servidores foram substituídos por um contingente de novos profissionais

Para Antunes (2009), as transformações ocorridas no capitalismo desde as últimas três décadas do século XX promoveram profundas e marcantes modificações no mundo do trabalho. A influência neoliberal, a reestruturação produtiva, política, cultural e econômica promoveu significativas mutações que abalaram o mundo do capital, redesenhando novas modalidades de trabalho. Um deslocamento que é feito para dar maior flexibilidade às medidas do mercado, agora com exigências que determinam a qualidade total. Desta forma, o desejo pelo controle e poder sobre o capital, resulta em trabalhadores isolados e distantes da relação com o trabalho, das singularidades e subjetividades que cercam o universo de ser trabalhador. São novos contingentes de homens e mulheres terceirizados, subcontratados e temporários. Uma tendência dotada de um caráter destrutivo, resultando na precarização do trabalho em escala global, que acaba também afetando fortemente os trabalhadores do setor estatal. “Metamorfoseiam-se as noções de tempo e de espaço e tudo isso muda, sobremaneira, o modo como o capital produz as mercadorias, sejam elas materiais ou imateriais, corpóreas ou simbólicas.” (ANTUNES, 2009, p. 249).

Os servidores subjugados às transformações do capitalismo, agora baseado na flexibilidade, na mobilidade e na velocidade, alteraram as rotinas, as atividades profissionais, os afetos entre outros. Foi o mundo coletivo desses funcionários, com os valores, culturas e seus ideais, que foram subitamente sequestrados e desqualificados. A problemática remete ao ser

trabalhador da saúde, pois, as categorias foram atingidas na sua subjetividade, que envolvem o profundo prazer e a construção de um saber técnico. Para Linhart “O trabalho moderno caracteriza-se por uma hiperpersonalização. Esta deu origem a uma fragilidade importante dos assalariados, que se manifesta por um forte sentimento de precariedade, mesmo quando o emprego é estável.” (LINHART, 2014, p. 49)

Neste sentido, acreditamos que o processo que inside sobre o setor de saúde no estado do Rio de Janeiro — que hoje está em um estado caótico— longe de ser um política isolada, faz parte de uma transformação estrutural da forma como o capital vem sendo organizado. Segue o modelo de subcontratação por contingência, esta prática visa reduzir custos e externalizar responsabilidades trabalhistas para as empresas contratadas. Impulsionado pelo período neoliberal, que favoreceu a valorização do capital e de geração da mais valia, a terceirização tornou-se um dos elementos centrais do atual processo de precarização do trabalho no Brasil, num fenômeno presente praticamente em todos os outros campos, setores e espaços de trabalho. (ANTUNES, 2015)

Dejours (2007) ressalta que o trabalho é um elemento central na constituição da saúde e da identidade dos indivíduos adultos, e o principal elo entre tais indivíduos e a sociedade. O não comportamento ou reação pode gerar efeitos sobre a saúde mental, o que significa minimizar todos os aspectos subjetivos mobilizados no ato de trabalhar. Quando os trabalhadores enfrentam situações que limita suas ações, pensamentos e desejos contrários aos das instituições, tem-se uma fonte de sofrimento.

METODOLOGIA

A trajetória metodológica baseou-se na abordagem qualitativa, com observação participante, por intermédio de procedimento do estudo de campo, divididos em três etapas: 1) fase exploratória; 2) trabalho de campo e 3) Análise e tratamento do material empírico. Definiu-se os seguintes critérios de inclusão para a presente análise: ter tempo de serviço superior a 10 anos com cargo efetivo de servidor público da saúde do estado do Rio de Janeiro e terem sido deslocados das suas unidades hospitalares e encaminhados para uma instituição administrativa (Superintendência de Perícia Médica e Saúde Ocupacional)

Inicialmente, com o objetivo de aproximação e aprender sobre os sujeitos da pesquisa, foi aplicado um questionário Sociodemográfico em cento e cinco (105) participantes, entre eles: Assistentes Sociais, Enfermeiros, Fisioterapeutas, Médicos, Auxiliares/ Técnicos de

Enfermagem e Terapeutas Ocupacionais Foram abordadas questões relativas a gênero, idade, estado civil, prática religiosa, escolaridade, residência, filiação, rendimento familiar, profissão que ocupa no estado entre outros. Para complementar a organização dos dados, foram realizadas em 2017, 40 entrevistas, semi-estruturadas, abertas, direcionadas aos sujeitos do estudo. No entanto, somente 21 participantes consentiram com a publicação de suas respostas na pesquisa. Embora houvesse a possibilidade de aumentar o quantitativo de indivíduos, percebi que as respostas estavam saturadas.

A análise dos dados foi pautada no método hermenêutico – dialético de Minayo (2004), com a proposta de interpretação qualitativa de dados, que compreende duas etapas sucessivas de análise interpretativa: a primeira inicia-se com a observação do contexto sócio-histórico do grupo social estudado, já definido na fase exploratória da pesquisa, a segunda divide-se na ordenação os dados, na classificação dos dados e na análise final.

Foram três anos de observação participante (2014-2017) acompanhando as novas atividades laborais exercidas pelos participantes. Esta pesquisa teve como núcleo de interesse investigativo as representações, sentidos e significados atribuídos por um grupo de servidores públicos da saúde possui acerca da privatização do sistema, da identidade, do valor, da autonomia e da satisfação profissional. Essas foram as cinco categorias analisadas a respeito da dimensão organizacional do trabalho, sinalizadas na fase exploratória e durante todo o percurso no campo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o período de vivência no campo, iniciei o questionário com a opinião dos entrevistados sobre a privatização da saúde pública no estado do Rio de Janeiro (*Como você analisa a privatização da saúde pública no estado do Rio de Janeiro?*) A universalidade dos entrevistados (21) se mostrou contrário à privatização, sendo que o principal motivo se relaciona ao risco iminente de enfraquecer e desestabilizar os servidores, a população e o sistema público de saúde. Concordaram que o estado usou a força institucional e legal para implantar as Organizações Sociais e as Fundações de Direito Privado e portanto, estabelecem contratos de trabalhos diferenciados seguindo a lógica de cada empresa privada, nas quais predominam critérios de produtividade e qualidade estabelecidos pelas empresas.

Em seguida, foi questionado *como se configura a atual identidade do servidor da saúde pública do estado do RJ*. Na quase totalidade (20) dos entrevistados relatou não se identificar

com a atual atividade, e que as ações exercidas e compartilhadas com o coletivo no dia a dia no trabalho reforçam o distanciamento das práticas e subjetividades específicas a cada segmento profissional.

Os relatos a respeito do desvios de função, vieram a tona quando responderam sobre o valor da atual atividade (*Em que medida você definiria o valor da sua atual atividade?*), os participantes responderam uniformemente, declararam que realizam atividades de menor valor e sem significado produtivo, quando comparado as atividades profissionais realizadas nas unidades hospitalares estaduais.

A questão seguinte trouxe a tona o objeto autonomia, fundamental para a construção da identidade das categorias (*No seu entendimento, existe autonomia para você realizar as atividades executadas?*). Treze (13) participantes responderam que não havia liberdade para agir ou criar, são sujeitos ligados aos serviços que seguem obrigatoriamente um fluxo de trabalho. Oito (8) declaram ter autonomia, sendo estes, os profissionais com maior liberdade nas suas atividades, pois estão inseridos em setores independentes do fluxo institucional.

A última questão procurou identificar o ponto de vista dos entrevistados sobre o contentamento no trabalho (*Em sua opinião, você se realiza hoje com o seu trabalho no estado RJ?*). Vinte (20) participantes se mostraram contrários a satisfação profissional. Sendo os principais motivos: a desvalorização do servidor, as perdas salariais, o desvio de função, a inflexibilidade institucional e a perda crescente das condições de trabalho.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que as condições de trabalho vêm se tornando um elemento para o capital, por meio dos cenários do extremo conservadorismo na política, na economia, na história e no desmonte do estado de bem-estar social. A maioria dos participante responderam e demonstraram sentirem-se despojados do sistema organizacional, e não acreditam no crescimento da saúde pública. O estado se mostra indiferente aos processos identificatórios, que são desconfigurados pela exigência do cumprimento do papel de ser “servidor público”. Os trabalhadores estão imersos na apatia, na passividade, no isolamento, somando, ao desânimo de trabalhar sem perspectivas, o sentimento do não lugar, de não pertencer àquele contexto.

Existe uma indignação com o sistema, que fez com que eles fossem desvalorizados, ao serem destituídos das suas atividades, perderam autonomia e independência, desconfigurando

sua identidade pessoal, profissional e social. As rupturas do cotidiano no trabalho promoveram sentimento de indignação, de isolamento, de ansiedade e medo do futuro.

É possível perceber o paradoxo no sentido e significado do trabalho para este grupo analisado, as rupturas do cotidiano no trabalho promoveram sentimento de indignação, de isolamento, de ansiedade e medo do futuro quando poderia ser prazer e valorização profissional. Quando o trabalho deixa de ser transformador e promotor de qualidade de vida e torna-se adoecedor, depara-se com uma dualidade, precisar do trabalho porque ele agrega valor social e econômico. Assim, o trabalho é reduzido à realização de procedimentos e perde seu sentido de utilidade. Atualmente a representação do papel de ser servidor público da saúde para a maioria do grupo analisado é pela subsistência. Uma epidemia global, estando relacionada às diferentes exigências em que o homem contemporâneo precarizado está inserido.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo L.C. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo, SP: Boitempo, 2009 (Mundo do Trabalho).

ANTUNES, Ricardo L.C. *A sociedade da terceirização total*. Revista ABET, v.14, n.1, p. 6-14, 2015.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. Tradução de Luiz Alberto Monjardim. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

LINHART, Danièle. Modernização e precarização da vida no trabalho. In: *Riqueza e miséria do trabalho no Brasil III*/ organização Ricardo Antunes. 1ªed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MINAYO, M. C. de Souza (Organizadora). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2000.

O estilo de vida trabalhadores de bibliotecas

Iranise Moro Pereira Jorge

Felipe Roberto Ribeiro Sampaio

Kessilin Kawana Rufino Batista Wielewski

Márcia Clara Simões

Fabiana Caetano Martins Silva e Dutra

O estilo de vida refere-se aos comportamentos, hábitos e padrões de conduta, fundamentados em suas condições de vida. Este estudo teve por objetivo analisar o estilo de vida de bibliotecários de uma instituição de ensino superior no sul do país. Apresenta natureza quantitativa, observacional e transversal, da qual foi aplicado um questionário sociodemográfico e o Estilo de Vida Fantástico. A amostra contou com 20 (74%) servidores do contingente de 27 trabalhadores destas bibliotecas. O resultado geral para o estilo de vida dos trabalhadores do Sistema de Bibliotecas foi de 5% Regular, 15% Bom, 55% Muito Bom e 25% Excelente. Houve predominância geral de estilo de vida positivo entre os trabalhadores do litoral. Fatores relativos a ambiente e a subjetividade da população interiorana, urbana e rural, associada à estabilidade, escolaridade e status social destes trabalhadores podem ser vetores para este resultado.

Palavras-chaves: estilo de vida, saúde do trabalhador, biblioteca.

INTRODUÇÃO

No rol de profissões que figuram no mundo do trabalho, os bibliotecários são os que possuem a atribuição do armazenamento, gerenciamento e interação de informações. Para tanto, estes trabalhadores devem se apropriar de novas tecnologias conforme a aceleração da produção de conhecimento e de variedades de mídias de armazenamento aumenta, podendo exercer a mediação e oferecer ferramentas para o tratamento das informações necessitadas para os usuários de bibliotecas (ANDRADE e FONSECA, 2016).

O estilo de vida refere-se aos padrões de conduta, comportamentos e hábitos individuais baseados em suas condições de vida, determinados por fatores socioculturais e pessoais. Um

estilo de vida saudável emerge de um conjunto de hábitos e condutas que influenciam maiormente de modo positivo a saúde do ser humano. Assim, o estilo de vida pode influenciar positivamente ou negativamente tanto as atividades profissionais das pessoas, como sua saúde e seu cotidiano em outros contextos (SILVEIRA et al, 2017).

Desta forma, o estilo de vida pode sofrer diferenças significativas de acordo com o território. Os modos de vida, a organização e a experiência do trabalho no campo são heterogêneos, como sua população, pois compreende uma diversidade sociocultural peculiar. O território urbano, por sua vez, é por vezes caracterizado pelo crescimento desenfreado repercutindo na origem de favelas e moradias precárias, desemprego, violência, narcotráfico e outras particularidades vivenciadas que impactam de modo particular, diretamente as condições e o estilo de vida de seus habitantes (SCHADECK, 2013).

Assim, perante a escassez de estudos nesta temática, sobretudo acerca deste segmento de trabalhadores, este estudo tem o objetivo de analisar o estilo de vida de bibliotecários de instituição de ensino superior no sul do país.

METODOLOGIA

O presente estudo de natureza quantitativa, observacional e transversal, aplicou um questionário sociodemográfico e o questionário de múltipla escolha Estilo de Vida Fantástico. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, mediante o Parecer Consubstanciado 2.569.755. A coleta de dados se deu entre março e setembro de 2018 por meio de formulário online submetido à aplicação por parte de cada servidor participante. Foram abordadas as 6 bibliotecas do Sistema de Bibliotecas de uma instituição de ensino superior em um estado do sul do Brasil, presentes em 5 cidades interioranas. A amostra composta de 20 profissionais aceitantes corresponde a 74% do contingente de 27 trabalhadores destas bibliotecas.

O questionário Estilo de Vida Fantástico foi validado e traduzido para a língua portuguesa em 2008, caracterizado por 25 questões organizadas entre 9 domínios que avaliam em escala Likert o estilo de vida (RODRIGUEZ-AÑEZ, REIS e PETROSKI, 2008). Os domínios presentes no referido instrumento tratam da dimensão da interação e suporte social (família e amigos), prática de exercícios físicos intensos e moderados (atividade física), hábitos alimentares (nutrição), consumo de bebidas alcoólicas (álcool), uso de outras drogas como tabaco e cocaína (tabaco e tóxicos), atitudes preventivas e estresse (sono, cinto de segurança,

estresse e sexo seguro), padrões de conduta (tipo de comportamento), insight (introspecção) e relação com o trabalho (trabalho) (RODRIGUEZ-AÑEZ, REIS e PETROSKI, 2008).

O resultado da avaliação é obtido por meio de escore que classifica, em um sistema de pontuações o estilo de vida dos indivíduos avaliados entre cinco categorias: Excelente (85 a 100 pontos), Muito bom (70 a 84 pontos), Bom (55 a 69 pontos), Regular (35 a 54 pontos) e Precisa melhorar (0 a 34 pontos) (RODRIGUEZ-AÑEZ, REIS e PETROSKI, 2008). A análise dos dados baseou-se nas normas do instrumento, junto com uma análise estatística descritiva.

RESULTADOS

Nota-se que das 3 cidades agropecuárias com 10 servidores e 2 litorâneas também com 10 trabalhadores, houve maior contingente masculino (60%) no litoral e feminino (90%) no rural. Em ambos a maioria dos servidores trabalham 6h/dia e no turno matutino/vespertino (Tabela 1).

Tabela 1. Perfil sociodemográfico geral dos trabalhadores de bibliotecas estudados.

Variável	Proporção (%)			
	Cidades Litorâneas		Cidades Agropecuárias	
Sexo	40% Feminino	60% Masculino	90% Feminino	10% Masculino
Carga Horária	70% 6h/dia	30% 8h/dia	70% 6h/dia	30% 8h/dia
Turno	60% M/T	40% T/N	70% M/T	30% T/N

Fonte: Os autores.

O resultado geral para o estilo de vida dos trabalhadores do Sistema de Bibliotecas foi de 5% Regular, 15% Bom, 55% Muito Bom e 25% Excelente. Houve predominância geral de estilo de vida positivo entre os trabalhadores do litoral (Tabela 2).

Tabela 2. Estilo de vida geral dos trabalhadores de bibliotecas no interior do Estado.

Diagnóstico do Estilo de Vida	Proporção (%)				
	Necessita Melhorar	Regular	Bom	Muito Bom	Excelente
Cidades Litorâneas	-	-	20%	50%	30%
Cidades Agropecuárias	-	10%	10%	60%	20%

Fonte: Os autores.

DISCUSSÃO

Nesta linha, no Litoral, com ambiente mais urbanizado e com economia mais abastecida pelo setor de serviços do que o agropecuário, o estilo de vida dos trabalhadores se concentrou mais entre os diagnósticos positivos do que as outras cidades interioranas. O estilo de vida litorâneo também é impactado pelo ritmo do turismo, que acelera o cotidiano ciclicamente pelas temporadas, podendo influenciar a rotina destes trabalhadores. Entre as cidades agropecuárias foi assinalada baixa pontuação de 20% com estilo de vida Regular. Embora o estilo de vida seja algo variável, seja pela sazonalidade, momento de vida ou mesmo por questões subjetivas da autopercepção da pessoa na vida, ao que isto pode estar associado, considerando a centralidade que as atividades e os papéis relativos ao trabalho possuem na vida adulta, um desequilíbrio na conjuntura laboral é possível.

Por outro lado, 90% dos servidores das bibliotecas de cidades agropecuárias tiveram estilo de vida mais positivo, sendo que sua caracterização e várias dimensões podem contribuir para este resultado. No interior, a vida rural e a vida em cidade pequena transcorrem em ritmo mais lento, sem a intensificação de estímulos nervosos exteriores e interiores ininterruptos presentes nas grandes cidades. Desta forma, diferente de ambientes mais urbanizados, os hábitos de vida seguem com uniformidade maior e mais sólida. A intelectualidade não é tão estimulada quando a sensibilidade, pois o modo de preservar a vida neste ambiente segue parâmetros próprios e contrastados ao urbano, que por sua vez é marcado pela atitude *blasé* e pela racionalização da vida (FREITAS e BARCELLOS, 2012).

Portanto, enquanto nas grandes cidades a postura reservada de seus habitantes mantém vizinhos desconhecidos ao longo dos anos, no interior, seus habitantes tendem a possuir maior diálogo e convivência, favorecendo a emergência e o compartilhamento de hábitos de vida

comuns, solidificando valores e costumes. A tendência ao desenvolvimento da melhor qualidade das relações do indivíduo com sua rede social, acompanhado de uma respectiva habituação comum positiva menos volátil, pode ser um dos fatores impactantes para um bom estilo de vida entre estes trabalhadores.

No interior agropecuário, a resistência de sua população a novas tendências de valores, que são balizas orientadoras para o estilo de vida, promovem um perfil mais tradicionalista e conservador. Assim, as matrizes cognitivas, valorativas e práticas que concebem seu estilo de vida estabelecem também um modo peculiar de adaptação ao meio. Os centros urbanos são permeados por processos de aculturação, consumerismo, fluxos migratórios, pressão publicitária e a importação de modelos, que fragilizam a coesão de valores e de um estilo de vida comum, dando espaço à pluralidade e desenraizando o modelo próprio de sua população local (GONÇALVES e CARVALHO, 2007).

O rural é um conceito que não se limita apenas a dimensão geofísica ou espacial, mas amplia-se, sendo o assentamento humano organizado em cidades, vilas, aldeias ou campos, como também o conteúdo dos seus modos de vida humano imanente, com suas dimensões socioculturais, psicoafetivas e biológico-comportamentais, além das conexões entre si e com o ambiente (BRAGA, FIÚZA e PINTO, 2015).

Em contrapartida, com a urbanização são acarretados diversos problemas comuns das grandes cidades, como a violência, a massificação do trânsito, a ingestão de dieta baseada em produtos processados e ultraprocessados devido a pressa no cotidiano, além do estabelecimento da freneticidade sobre o estilo de vida que vão reorganizando os hábitos de vida. No litoral, por reflexo da industrialização, foram introduzidos no território, problemas típicos da urbanização de grandes metrópoles, promovendo a degradação ambiental e das condições de vida da população local (ESTEVES, 2011).

Paradoxalmente, a mesma urbanização promove melhor infraestrutura, maior variedade de oportunidades para o desenvolvimento pessoal e uma rede de serviços de saúde mais estruturada. Nas cidades estudadas, a estabilidade, status social e a escolaridade destes profissionais associada ao cenário subjetivo de oportunidades que cada ambiente possui pode influenciar a autopercepção do estilo de vida destes profissionais de bibliotecas. A função destes trabalhadores, marcada por atividades mais intelectuais e organizativas, associada a curta jornada de trabalho, pode corroborar para os resultados positivos observados.

CONCLUSÃO

No presente estudo, os trabalhadores de bibliotecas de cidades litorâneas apresentam estilo de vida mais positivo do que os trabalhadores de cidades agropecuárias. Fatores relativos a ambiente e a subjetividade da população interiorana, urbana e rural, associada à estabilidade, escolaridade e status social destes trabalhadores podem ser vetores para este resultado.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, V. B.; FONSECA, A. L. Formação continuada do bibliotecário: a importância da capacitação na área da informática para o profissional da informação. *Enc. Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.*, Florianópolis, v. 21, n. 47, p 124-144, set/dez, 2016.

BRAGA, G. B.; FIÚZA, A. L. C.; PINTO, N. M. A. Padrões de consumo no campo: o modo de vida dos rurais brasileiros. *REVER*, Viçosa, v. 4, n. 1, p. 56-73, jan./jun. 2015.

ESTEVES, C. J. O. *Vulnerabilidade socioambiental na área de ocupação contínua do litoral do Paraná - Brasil*. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

FREITAS, R. F.; BARCELLOS, D. M. N. O consumo da representação da qualidade de vida. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 168-188, jan/abr, 2012.

GONÇALVES, A.; CARVALHO, G. S. diferenças de estilos de vida entre populações jovens de meio rural (Boticas) e de meio urbano (Braga). *RepositoriUM*, Universidade do Minho, 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/55607740.pdf>. Acesso em: 09 de jun. 2019.

RODRIGUEZ-AÑEZ, C. R.; REIS, R. S.; PETROSKI, E. L. Versão brasileira do questionário "estilo de vida fantástico": tradução e validação para adultos jovens. *Arq. Bras. Cardiol. [online]*, Rio de Janeiro, v. 91, n. 2, p. 102-109, 2008.

SCHADECK, R. A. Qualidade de Vida no Campo. In: RIBEIRO, R. R. G.; WOLFF, J.; VOLPATO, J. C. (Org.). *Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE: produções didático-pedagógicas*. Guarapuava: SEED/PR, 2016. p. 2-42.

SILVEIRA, R. C. P. et al. Estilo de vida e saúde de docentes de uma instituição de ensino pública. *Rev Enferm UFSM*, Santa Maria, v. 7, n. 4, p. 601-614, out/dez, 2017.

Terapeutas ocupacionais empreendedores: experiência da trajetória aos desafios

Saulo Emanuel de Oliveira Freitas

Helka Juliane Fernandes da Silva

Mariana Lima Lousada

Sarah Gomes Pereira

O estímulo ao empreendedorismo autônomo dos profissionais de Terapia Ocupacional é de inestimável relevância por possibilitar a conquista de novos campos de atuação voltados ao cuidado do cliente/paciente, por agregar valor à profissão frente à sociedade. Assim objetivamos apresentar a trajetórias e desafios enfrentados por um grupo de terapeutas ocupacionais que empreenderam no Nordeste do Brasil. Trata-se da experiência de terapeutas ocupacionais sócios de uma empresa do nordeste brasileiro que oferece assistência terapêutica ocupacional a adultos e idosos e cursos voltados para terapeutas ocupacionais. O relato ocorreu entre outubro de 2017 a julho de 2019. Foram utilizados para a construção deste trabalho as atas de reuniões, materiais de marketing e documentação de funcionamento da empresa. O acompanhamento publicitário e contábil foram os principais facilitadores para a abertura de uma empresa em terapia ocupacional que presta serviço ao público adulto e idoso e formações a terapeutas ocupacionais. A empresa também passa por desafios, sendo eles, a escassez de disciplinas sobre empreendedorismo na graduação; falta de formações complementares sobre empreendedorismo para terapeutas ocupacionais, a busca por conteúdos inovadores na área e a atual conjuntura político-econômica do país. Diante da escassez sobre o assunto na literatura, há necessidade de estímulo a empresas realizarem relatos sobre suas trajetórias e desafios. Incentivamos novos terapeutas ocupacionais a enxergarem o empreendedorismo como campo de atuação para terapeutas ocupacionais com vistas em ascensão profissional e da classe que representa. Refletimos sobre a pouca divulgação da prática de oferta de cursos sobre empreendedorismo.

PALAVRAS-CHAVES: Empreendedorismo, Empresas, Gestão, Terapia Ocupacional.

INTRODUÇÃO

Apesar de se discutir bastante as mudanças a respeito da economia, inovações tecnológicas e globalização. Atualmente essas transformações acabam impactando o mercado trazendo uma mudança de paradigma quando se pensa nos objetivos profissionais de trabalhadores do mundo industrial. A busca passa a ser por um novo modelo econômico com propósitos destacando o cenário do empreendedorismo como forma de alcançar a autonomia profissional (SANTOS, 2018).

Dentro do contexto de um significativo crescimento do empreendedorismo em saúde no Brasil (TERRIM, 2015), terapeutas ocupacionais vêm aumentando sua atuação em criação e gestão de empresas e conquistando mais terreno nesse campo.

O estímulo ao empreendedorismo autônomo dos profissionais de Terapia Ocupacional é de inestimável relevância por possibilitar a conquista de novos campos de atuação voltados ao cuidado do cliente/paciente, por agregar valor à profissão frente à sociedade, e por impulsionar o crescimento econômico de um país, uma vez que as empresas formadas geram empregos a uma parcela da população (SANTOS e MENTA, 2017). Este trabalho justifica-se pela necessidade de promover a Terapia Ocupacional como profissão empreendedora e capaz de conduzir sua prática de forma autônoma e inovadora.

Assim, esta contribuição tem como objetivo apresentar momentos das trajetórias e desafios enfrentados por um grupo de terapeutas ocupacionais que empreenderam no nordeste do Brasil.

METODOLOGIA

Este trabalho foi elaborado a partir da experiência de terapeutas ocupacionais sócios de uma empresa do Nordeste do Brasil que oferece assistência terapêutica ocupacional a adultos e idosos e cursos de curta duração voltados para terapeutas ocupacionais. O relato de experiência refere-se ao período de criação da empresa outubro de 2017 até julho de 2019. Todos os serviços prestados aconteceram na cidade do Recife, sendo o viés educacional aberto a profissionais de todo o país.

Foram utilizados para a construção deste trabalho o acervo da empresa, incluindo arquivos de atas de reuniões, materiais de marketing e documentação legal para o funcionamento dos serviços da empresa. Os dados foram reunidos e analisados pelos autores para a construção deste texto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trajetória foi iniciada em 2017, quando quatro terapeutas ocupacionais tiveram intenção de construir um projeto de trabalho em conjunto. No entanto, para por em prática, foi percebido que havia um abismo entre a formação acadêmica e o empreendedorismo na terapia ocupacional. Assim, se fez necessário conectar-se a consultores que auxiliassem no processo de execução de uma empresa de Terapia Ocupacional, sendo uma publicitária e uma assessoria contábil.

As primeiras orientações dadas pela publicitaria foram em relação aos objetivos, ao que queria ser posto em prática e ao que se queria alcançar profissionalmente. Foi solicitado um briefing com os seguintes tópicos: missão, razão e valores, dentre outras perguntas.

Para se colocar em prática tudo que era desejado foi preciso entender qual seria a missão enquanto empresa: Missão: – resgatar e manter o paciente ativo de maneira que ele execute suas atividades com autonomia e independência em prol do seu bem estar e qualidade de vida. – Facilitar e promover atividades educacionais como objetivo de capacitar pessoas relacionadas ao cuidado, de forma responsável e direcionada a demandas do mercado.

O próximo item a ser pensado foi o que movia a empresa, qual seria a razão: Razão: – tornar-se referência em atendimento ao adulto e idoso, assim como em atividades educacionais direcionadas para pessoas relacionadas ao cuidado.

E por fim, quais valores norteariam o projeto: Valores: – Ética, inovação, integridade, comprometimento, prática clínica baseada em evidências e voltada ao cotidiano, foco no cliente e qualidade.

Após entender esses três itens fundamentais, pôde-se compreender qual o propósito da empresa e no que o projeto estaria baseado. Diante de mais reuniões e entrevistas o manual da marca foi criado e já se tinha a identidade da empresa, mas não se tinha uma empresa formalizada. Assim, a assessoria contábil foi fundamental nesse processo de abertura da empresa, assim como é fundamental durante toda a vida da empresa.

Seguindo suas orientações, alguns passos foram tomados: 1º passo: Reunião com Contador e esclarecimento de todas as dúvidas; orientações relacionadas ao tipo de sociedade; formalização do contrato do serviço prestado pelo profissional; 2º passo: Consulta e viabilidade relacionado ao tipo de serviço que seria prestado e correções no plano de negócio; 3º passo: Abertura do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ); 4º Passo: Reconhecimento de firma em cartório para os contratos de sociedade; 5º passo:

Aquisição do Cartão de Inscrição Municipal (CIM) perante a prefeitura do município; 6º passo: Aquisição do Alvará de Corpo de Bombeiros; 7º passo: Aquisição do Alvará de Funcionamento; 8º passo: Legalização da empresa perante o CREFITO.

Após aquisição de todo aparato fiscal e legal, a empresa foi considerada em funcionamento.

A partir deste momento, se estruturou planejamentos estratégicos e planos de ações para desenvolver e por em prática todos os serviços que foram pensados. Ocorreram reuniões sistemáticas com tomadas de decisões e implementação de ações.

Atualmente as principais atividades da empresa são: - Assistência domiciliar a adultos e idoso; - Assistência ambulatorial em consultório a adultos e idosos; - cotidianaMENTE®, um projeto de estimulação para o adulto e idoso; - Parcerias com outros profissionais de saúde; - Serviços educacionais: palestras em eventos, aulas em pós graduações, cursos de curta duração ministrados pelos sócios da empresa ou organizados pelos mesmo.

Apesar da existência de uma equipe que cuide de todas as questões legais e financeiras da empresa, desafios foram enfrentados diariamente, alguns foram ultrapassados, outros ainda permanecem. Dentre eles, foram elencados os principais: - Escassez de disciplinas de empreendedorismo dentro das graduações em Terapia Ocupacional; - Educação continuada para terapeutas ocupacionais em empreendedorismo; - Busca por conteúdos inovadores sobre terapia ocupacional; - Atual conjuntura político-econômica do país.

O primeiro desafio que os sócios encontraram no processo de abertura da empresa foi decorrente a defasagem na formação acadêmica. Formação acadêmica insipiente em relação ao empreendedorismo. A falta de conhecimento em empreendedorismo e gestão resulta no que se vê hoje de muitos cargos importantes e decisivos na saúde pública e privada serem assumidos por profissionais despreparados, que não obtiveram conhecimento formal na área e que ocupam posição de destaque por outras questões de mérito que não suas próprias habilidades administrativas (SCHRAIBER, 1999).

Além do déficit supracitado, também há o mesmo na educação continuada em terapia ocupacional. Atualmente existem poucas iniciativas que formem os profissionais no empreendedorismo. No III Seminário Nacional de Pesquisa em Terapia Ocupacional, a área de maior interesse de estudo, dentre os terapeutas ocupacionais presentes, foi Terapia Ocupacional em Saúde Mental. O empreendedorismo em Terapia Ocupacional não apareceu como área de interesse. (OLIVER, et. al., 2016).

Quando se fala no desafio na busca de inovações na terapia ocupacional, faz-se alusão ao incentivo da escrita científica e buscas de novos achados em pesquisa, para que a prática terapêutica ocupacional sempre seja baseada em evidência clínica.. Analisando a produção de conhecimento na área da Terapia Ocupacional, Malfitano, et. al. (2013) considera fundamental o desenvolvimento de conhecimento científico acerca da contribuição da intervenção e inovações terapêuticas ocupacionais.

Apesar da atual conjuntura político-econômica do país e dos riscos de se empreender atualmente, muitos desses podem ser minimizados, existindo um planejamento bem estruturado e um acompanhamento de especialistas no assunto. Santos e Lima (2018), trazem em seu estudo que as principais razões que geram a mortalidade das empresas, revelam fatores como a falta de experiência no ramo que atua, o pouco tempo dedicado ao estudo de viabilidade do negócio, falta de planejamento antes da abertura, dedicação parcial ao negócio, falta de apoio externo na concepção e administração do negócio, estrutura disponível inadequada e impostos/encargos elevados.

Apesar de existirem desafios, os autores observam que com uma boa percepção, um bom acompanhamento de consultores, todos os percalços podem ser sanados e a empresa permanecer com uma boa saúde.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da elaboração deste trabalho, apontando as trajetórias e desafios enfrentados, incentivamos novos terapeutas ocupacionais a enxergar o empreendedorismo como campo de atuação para terapeutas ocupacionais com vistas em ascensão profissional e da classe que representa.

Percebeu-se a importância de se escrever um relato de experiência sobre o assunto, assim como, estimular outras empresas a relatarem suas experiências, diante à escassez de disciplinas com ementas voltadas ao empreendedorismo dentro das faculdades de Terapia Ocupacional.

Ademais essa vivência proporcionou aos autores uma reflexão sobre a pouca divulgação da prática de oferta de cursos sobre empreendedorismo em Terapia Ocupacional e a importância de investimento nesta temática escassa e de grande importância para a inovação na profissão.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, F.O.L.; GUIZARDI, F.L. Educação continuada ou permanente em saúde? Análise da produção pan-americana da saúde. **Rev. Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16 n. 1, p. 99-122, 2018

JONATHAN, E.G.; Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. **Rev. Psicologia em Estudo, Maringá**, v. 10, n. 3, p. 373-382, 2005

MALFITANO, et. al. Programa de pós-graduação stricto sensu em terapia ocupacional: fortalecimento e expansão da produção de conhecimento na área. **Rev Bras Ativ Fis e Saúde, Pelotas**, v. 18, n. 1, p. 105-111, 2013

OLIVER, F.C., et al. III Seminário Nacional de Pesquisa em Terapia Ocupacional. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 27, n.3, p. 361-368, 2016.

SANTOS, P.V.S.; LIMA, N.V.M. Fatores de impacto para sobrevivência de micro e pequenas empresas (MPEs)1 **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, v. 3, n. 5, p. 54-77, set-out, 2018

SANTOS, R; MENTA, S. The formation of the occupational therapist for health care management: a study in curricular bases **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar; São Carlos** Vol. 25, Ed. 1, (2017): 43-51.

SCHRAIBER, L.B, et al. Planejamento, gestão e avaliação em saúde: identificando problemas. **Ciênc Saúde Coletiva**, v. 4, n. 2, p. 221-242, 1999.

TERRIM, S, et al. Empreendedorismo em saúde: relato de um modelo de Empresa Júnior em Medicina, **Rev Med**, São Paulo, v. 94, n. 2, p. 94-98, 2015.